

## O LUTO NA CONTEMPORANEIDADE: TENSÕES ENTRE MEDICALIZAÇÃO, VIRTUALIZAÇÃO E RESISTÊNCIA PSICANALÍTICA

Marina Leticia dos Santos, Lorraine Fatima Bim Silva

Universidade Anhembi Morumbi, Av. Dep. Benedito Matarazzo, 6070, Jardim Aquarius, São José dos Campos, SP, 12230-002, Brasil, m.santos110493@gmail.com, lorrainebim@hotmail.com

### Resumo

O estudo analisa o luto na contemporaneidade sob enfoque psicanalítico, articulando reflexões das ciências humanas para compreender como aceleração social, medicalização e virtualização afetam a experiência da perda. Pesquisa qualitativa e bibliográfica, examina transformações que deslocam a dor para a esfera privada, fragilizam rituais e impõem cronologias normativas. Fundamenta-se no conceito de trabalho de luto de Freud (1917/1915) e em contribuições de Lacan (1962-1963), articuladas a perspectivas contemporâneas como as de Dunker (2020), que defendem a preservação da temporalidade singular do sujeito. Os achados apontam que medicalização e rituais digitais oferecem novas possibilidades de partilha, mas também podem superficializar a elaboração psíquica. A psicanálise, ao sustentar a singularidade e a legitimidade do sofrimento, constitui resistência ética frente à patologização. Conclui-se que reconhecer o luto como processo estruturante preserva a dignidade da dor e orienta práticas clínicas e políticas sensíveis à subjetividade.

**Palavras-chave:** Luto. Psicanálise. Contemporaneidade. Medicalização. Subjetividade.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas.

### Introdução

A experiência do luto acompanha a humanidade desde sempre, mas suas formas de expressão e simbolização são historicamente determinadas. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a aceleração do tempo social, a fragilidade dos vínculos e o enfraquecimento dos rituais coletivos têm reduzido os espaços de elaboração da perda, deslocando-a para a esfera privada. Esse cenário é reforçado pela pressão por produtividade e pela valorização de respostas rápidas, que frequentemente interpretam a dor como obstáculo a ser superado, em detrimento de sua função constitutiva para a subjetividade.

A literatura psicanalítica oferece fundamentos decisivos para compreender o trabalho de luto. Freud (1917/1915) descreveu o luto como processo psíquico de desligamento libidinal necessário à reinvestitura em novos vínculos, enquanto Melanie Klein (1940) ampliou essa concepção ao vinculá-lo à posição depressiva, integrando fantasias de perda e reparação. Lacan (1962-1963) destacou a relação entre luto, desejo e falta estrutural, apontando que a recusa da perda compromete a constituição subjetiva. Em contraste, a cultura atual favorece a medicalização do sofrimento, ilustrada pela inclusão do “transtorno de luto prolongado” no DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013) e criticada por Kehl (2009) como um empobrecimento da experiência simbólica.

Paralelamente, transformações tecnológicas e socioculturais imprimem novas coordenadas ao luto. Rituais digitais, redes sociais e a virtualização das relações modificam os tempos e modos de despedida, criando tanto oportunidades de partilha quanto riscos de superficialização da experiência (Fagundes, 2012; Le Breton, 2018). Frente a essas tensões, a psicanálise se coloca como campo de resistência ética e clínica, sustentando a singularidade do sujeito e o tempo próprio de elaboração. Assim, este estudo tem por objetivo analisar o luto na contemporaneidade sob a perspectiva psicanalítica, articulando contribuições clássicas e atuais da teoria com reflexões socioculturais, a fim de compreender como medicalização, aceleração social e virtualização impactam a experiência de perda.

## Metodologia

A presente pesquisa adotou abordagem qualitativa, por compreender que fenômenos subjetivos como o luto exigem interpretação crítica e contextualizada, não se restringindo a mensurações quantitativas (Gil, 2002). Essa escolha fundamenta-se na necessidade de analisar sentidos e implicações socioculturais da perda, articulando dimensões clínicas, políticas e tecnológicas que atravessam a experiência do enlutamento na contemporaneidade.

Como estratégia, realizou-se uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, contemplando obras clássicas da psicanálise — como Luto e Melancolia de Freud (1917/1915), a concepção de posição depressiva de Klein (1940) e os aportes de Lacan (1962-1963) sobre desejo e falta — em articulação com produções contemporâneas que problematizam medicalização, aceleração social e virtualização do luto (Kehl, 2009; Han, 2015; Butler, 2009; Le Breton, 2018; Dunker, 2020). Foram consultados livros, artigos indexados em bases de dados acadêmicas e publicações de relevância reconhecida no campo, buscando rigor científico e atualidade.

O diferencial metodológico consistiu em articular referenciais psicanalíticos consolidados com discussões interdisciplinares oriundas da filosofia, sociologia e antropologia, identificando lacunas na literatura, como o impacto das plataformas digitais na temporalidade do luto e os efeitos clínicos da patologização do sofrimento. Essa perspectiva amplia o estado da arte ao propor uma leitura crítica que sustenta a singularidade do tempo psíquico frente às tendências normativas, oferecendo subsídios teóricos para práticas clínicas e futuras investigações sobre o luto na cultura contemporânea.

## Resultados

A análise do material bibliográfico demonstrou que o conceito freudiano de trabalho de luto mantém relevância para compreender a elaboração psíquica da perda, destacando-se a diferenciação entre luto e melancolia como eixo teórico central (Freud, 1917/1915). Identificou-se, ainda, que os desdobramentos introduzidos por Melanie Klein, ao relacionar o luto à posição depressiva e à necessidade de reparação simbólica (Klein, 1940), e por Lacan, ao articular a experiência da perda à falta estrutural do sujeito (Lacan, 1962-1963), oferecem fundamentos indispensáveis para a leitura contemporânea do fenômeno.

O levantamento evidenciou transformações socioculturais que reconfiguram a vivência do luto. Autores como Bauman (2001) e Han (2015) apontam que a aceleração da vida social, a fragilidade dos vínculos e a lógica de desempenho restringem espaços coletivos de ritualização, deslocando a dor para a esfera privada e impondo cronologias normativas de superação. Essa dinâmica fragiliza as mediações simbólicas antes garantidas por rituais comunitários, tornando a elaboração mais solitária e abreviada.

Quanto à medicalização, verificou-se a presença crescente de categorias diagnósticas que enquadram o luto como transtorno, exemplificada pela inclusão do “transtorno de luto prolongado” no DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013). Estudos revisados (Kehl, 2009; Green, 1983) indicam que tal enquadramento favorece a patologização de experiências universais, promovendo intervenções centradas na eliminação da dor em detrimento da simbolização necessária ao desligamento libidinal e à reorganização psíquica.

Outro resultado relevante refere-se à virtualização das práticas de despedida. Observou-se a crescente adoção de rituais digitais — perfis memorializados, homenagens em redes sociais e vigílias on-line — que ampliam a visibilidade e o compartilhamento do luto (Fagundes, 2012; Le Breton, 2018). Embora possibilitem apoio e memória, esses recursos também introduzem ambiguidade quanto à temporalidade da perda, podendo prolongar a presença simbólica do falecido e gerar exposição pública do sofrimento.

Adicionalmente, constatou-se que, frente a tais transformações, a psicanálise se mantém como referência ética e clínica ao sustentar a singularidade do tempo subjetivo e a legitimidade da dor. Os textos revisados reforçam que a preservação do espaço de simbolização e a recusa à aceleração são condições essenciais para que o luto cumpra sua função estruturante na subjetividade (Butler, 2009; Dunker, 2020; Roudinesco, 2016). Esse posicionamento indica a necessidade de práticas clínicas que respeitem o ritmo próprio de cada sujeito, em contraposição às tendências normativas e medicalizantes da cultura atual.

Além dos aspectos já destacados, emergiu também uma dimensão política do luto, pouco explorada nas leituras tradicionais. Butler (2009) ressalta que o reconhecimento social da perda é fundamental

para que determinadas vidas não sejam invisibilizadas, questão que se conecta diretamente às desigualdades contemporâneas. As análises apontam que determinados grupos sociais — como populações periféricas, vítimas de violência de Estado ou minorias historicamente marginalizadas — frequentemente não encontram espaços institucionais para legitimar suas perdas. Esse dado reforça que o luto não é apenas uma experiência íntima, mas atravessado por condições de reconhecimento coletivo, que influenciam diretamente a possibilidade de elaboração subjetiva.

Outro resultado identificado refere-se à emergência de práticas híbridas de ritualização, que mesclam tradições presenciais e recursos digitais. Esse modelo ritualístico encontrou fundamento principalmente durante a pandemia de COVID-19. Independente da faixa do desenvolvimento, pessoas em todo o planeta foram impactadas pelas medidas de distanciamento social implantadas. Seja referente a perdas diversas, como empregos, interações sociais, rotinas, ou referente a perdas de vidas de entes queridos, em larga escala social, todos foram obrigados a ressignificar o processo de despedida. E uma das alternativas encontradas foi lidar com a fase inicial do luto da maneira possível: on-line. Estudos recentes (Fagundes, 2012; Le Breton, 2018) evidenciam que velórios transmitidos on-line, memoriais virtuais e grupos de apoio em redes sociais ampliam o alcance da despedida, mas também colocam novos desafios quanto à autenticidade da experiência emocional e à exposição pública do sofrimento. Essa hibridização sugere que a cultura contemporânea não elimina completamente os rituais, mas os ressignifica, criando zonas de transição entre a presença e a virtualidade.

Constatou-se ainda que a medicalização do luto dialoga com o mercado farmacêutico, que reforça a busca por soluções imediatas para dores existenciais. A literatura revisada (Kehl, 2009; Han, 2015) indica que essa tendência não apenas compromete a simbolização, mas também acentua a mercantilização do sofrimento humano. Assim, o luto se torna alvo de discursos normativos que prometem uma rápida "cura" para a dor, em contraste com a temporalidade aberta e singular defendida pela psicanálise.

Por fim, os resultados apontam que há um tensionamento constante entre forças de aceleração e medicalização, de um lado, e resistências éticas e clínicas, de outro. A psicanálise, nesse cenário, não apenas reafirma a importância da singularidade da dor, mas também propõe práticas contra-hegemônicas, capazes de resgatar o valor simbólico do sofrimento e sua função estruturante na constituição subjetiva.

## Discussão

Os resultados evidenciam que o trabalho de luto, conforme descrito por Freud (1917/1915), continua a oferecer uma matriz conceitual indispensável para compreender a perda, mesmo em um cenário marcado por transformações socioculturais intensas. A diferenciação entre luto e melancolia confirma que a dor não pode ser eliminada de forma imediata, mas requer tempo e simbolização. Sendo o luto o tempo pessoal em que o sujeito sofre sua perda ao se deparar com a dor da separação no plano da realidade, qualquer aceleração arbitrária desse processo de elaboração poderia resultar em um quadro de melancolia, isto é, um empobrecimento do próprio eu. Melanie Klein (1940) acrescenta a dimensão da posição depressiva e da reparação, como uma tentativa de restauração do vínculo com o objeto perdido, ainda que ele não esteja mais presente na realidade concreta, mas apenas na fantasia do sujeito, já Lacan (1962-1963) reafirma que a falta é estrutural, impossibilitando soluções definitivas. Esses achados sustentam a pertinência do referencial psicanalítico diante das mudanças contemporâneas.

O avanço da medicalização, indicado pela inclusão do "transtorno de luto prolongado" no DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013), demanda reflexão crítica. Kehl (2009) argumenta que a patologização da dor empobrece a experiência subjetiva e compromete a simbolização, enquanto Green (1983) alerta para estados de vazio afetivo quando a perda não encontra vias de elaboração. A discussão aponta que a lógica biomédica tende a reduzir o luto a um sintoma, negligenciando sua função estruturante, o que impõe desafios éticos para a clínica e para as políticas de saúde mental.

A aceleração social descrita por Bauman (2001) e Han (2015) corrobora o deslocamento do luto para a esfera privada, restringindo rituais coletivos e impondo cronologias normativas de superação. Esse processo reforça o isolamento do sujeito enlutado, diminuindo a rede simbólica que,

historicamente, sustentava a elaboração da perda. A pressão por produtividade transforma o sofrimento em obstáculo, reforçando o ideal de desempenho e enfraquecendo a legitimação pública da dor.

A virtualização das relações e a inclusão do ambiente digital no processo de elaboração de perdas especialmente após a pandemia de COVID-19, produz o aumento de perfis memorializados e homenagens on-line, além de introduzir novas formas de ritualização que podem tanto favorecer o compartilhamento quanto prolongar o vínculo simbólico com o falecido (Fagundes, 2012; Le Breton, 2018). Essa ambiguidade revela a necessidade de abordagens clínicas sensíveis às implicações tecnológicas, reconhecendo que o espaço digital não substitui integralmente a dimensão encarnada do sofrimento e pode, em certos contextos, reforçar a performatividade ou a cronificação do luto.

A psicanálise se mantém como referência ética e clínica ao sustentar a singularidade do tempo subjetivo e a legitimidade da dor. Os textos revisados reforçam que a preservação do espaço de simbolização e a recusa à aceleração são condições essenciais para que o luto cumpra sua função estruturante na subjetividade (Butler, 2009; Dunker, 2020; Roudinesco, 2016). Esse posicionamento indica a necessidade de práticas clínicas que respeitem o ritmo próprio de cada sujeito, em contraposição às tendências normativas e medicalizantes da cultura atual.

Além dos aspectos já destacados, emergiu também uma dimensão política do luto, pouco explorada nas leituras tradicionais. Butler (2009) ressalta que o reconhecimento social da perda é fundamental para que determinadas vidas não sejam invisibilizadas, questão que se conecta diretamente às desigualdades contemporâneas. As análises apontam que determinados grupos sociais — como populações periféricas, vítimas de violência de Estado ou minorias historicamente marginalizadas — frequentemente não encontram espaços institucionais para legitimar suas perdas. Esse dado reforça que o luto não é apenas uma experiência íntima, mas atravessado por condições de reconhecimento coletivo, que influenciam diretamente a possibilidade de elaboração subjetiva.

Outro resultado identificado refere-se à emergência de práticas híbridas de ritualização, que mesclam tradições presenciais e recursos digitais. Estudos recentes (Fagundes, 2012; Le Breton, 2018) evidenciam que velórios transmitidos on-line, memoriais virtuais e grupos de apoio em redes sociais ampliam o alcance da despedida, mas também colocam novos desafios quanto à autenticidade da experiência emocional e à exposição pública do sofrimento. Essa hibridização sugere que a cultura contemporânea não elimina completamente os rituais, mas os ressignifica, criando zonas de transição entre a presença e a virtualidade.

Constatou-se ainda que a medicalização do luto dialoga com o mercado farmacêutico, que reforça a busca por soluções imediatas para dores existenciais. A literatura revisada (Kehl, 2009; Han, 2015) indica que essa tendência não apenas compromete a simbolização, mas também acentua a mercantilização do sofrimento humano. Assim, o luto se torna alvo de discursos normativos que prometem uma rápida "cura" para a dor, em contraste com a temporalidade aberta e singular defendida pela psicanálise.

Por fim, os resultados apontam que há um tensionamento constante entre forças de aceleração e medicalização, de um lado, e resistências éticas e clínicas, de outro. A psicanálise, nesse cenário, não apenas reafirma a importância da singularidade da dor, mas também propõe práticas contra-hegemônicas, capazes de resgatar o valor simbólico do sofrimento e sua função estruturante na constituição subjetiva.

## Conclusão

O presente estudo demonstrou que o luto, embora universal, sofre profundas reconfigurações na contemporaneidade. A aceleração social, a fragilidade dos vínculos e a lógica medicalizante tendem a abreviar a experiência e silenciar a dor, deslocando a perda para a esfera privada, enquanto a virtualização das relações inaugura novas formas de ritualização, marcadas pela ambiguidade entre partilha e exposição. Esses elementos evidenciam transformações significativas na forma como o sofrimento é vivido e reconhecido socialmente.

Nesse cenário, a psicanálise, como assinala Freud (1917/1915), ressalta a importância de compreender o luto como processo simbólico e constitutivo da subjetividade. A elaboração da perda favorece o investimento em novos vínculos e preserva a dignidade da dor, destacando sua função estruturante na vida psíquica e social. Ao considerar a experiência de luto em sua temporalidade singular, a psicanálise se coloca como referência teórica capaz de oferecer suporte frente às pressões contemporâneas que buscam abreviar ou patologizar o sofrimento.



Conclui-se que valorizar o luto e assegurar espaços que legitimem o sofrimento humano é essencial para práticas clínicas e políticas públicas que respeitem a singularidade do sujeito enlutado. Reconhecer a dor como parte constitutiva da subjetividade permite enfrentar as tendências sociais que a silenciariam ou mercantilizariam, reafirmando sua dimensão ética, simbólica e política.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DUNKER, C. I. L. **Lacan e a democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FAGUNDES, P. H. **Luto e redes sociais**: rituais digitais de despedida. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 707-715, 2012.

FREUD, S. **Luto e melancolia** (1917/1915). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.

GIAMATTEY, M. E. P. et al. **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto**: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, v. 26, n. spe, p. e20210208, 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREEN, A. **O discurso vivo**: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KLEIN, M. **Luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos** (1940). In: KLEIN, M. Amor, culpa e reparação. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, J. **O seminário, livro 10**: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LE BRETON, D. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

ROUDINESCO, E. **A análise e o arquipélago do inconsciente**. São Paulo: Zahar, 2016.